

FRONTEIRAS LINGÜÍSTICAS DOS LAPSOS DA LÍNGUA

Erica Reviglio ILIOVITZ

Resumo: *Lapsos da língua são fenômenos lingüísticos que exibem uma fronteira entre o esperado e o inesperado. Os dados foram colhidos em conversas informais. O modelo usado para a análise foi o de Nespor e Vogel (1986). Os lapsos foram classificados como paradigmáticos e sintagmáticos. Quanto à estrutura prosódica dos lapsos, foi concluído que os lapsos ocorrem entre frases fonológicas dentro de uma frase entonacional e entre frases entonacionais, mas nunca entre enunciados fonológicos. Além disso, eles ocorreram na palavra sobre a qual recai o acento nuclear da frase entonacional.*

Palavras-chave: *fonologia; prosódia; psicolingüística; lapsos da língua.*

1. Introdução

O lapso da língua é um fenômeno lingüístico simultaneamente intrigante e polêmico, entre outras coisas, porque exhibe uma fronteira entre o esperado e o inesperado. Uma das polêmicas relativas aos lapsos se refere particularmente à frequência de manifestação. Enquanto alguns autores, como Bock & Levelt (1994), os consideram pouco freqüentes, declarando que “mesmo os tipos mais familiares de lapsos são eventos surpreendentemente raros” (Bock & Levelt 1994:949), outros, como Garrett (1990), dizem que eles são bastante comuns, afirmando que, “se você começar a ouvi-los cuidadosamente, você observará alguns deles todos os dias” (Garrett 1990:159).

No reino da linguagem, tanto lapsos quanto disfluência e “erros escolares” (isto é, formas dialetais diferentes da norma padrão ou hipercorreções, tais como, por exemplo, “fazem 10 anos que ele morreu”) têm sido tratados sob a égide genérica de “desvios”, ou formas e dizeres desviantes de uma língua idealizada e perfeita. Na verdade, os chamados “erros escolares” corresponderiam aos desvios da norma culta (considerados, neste caso, um “problema de domínio gramatical”), enquanto que os lapsos e os trechos disfluentes da fala têm sido vistos como “problemas de elaboração” que se encontram nas fronteiras entre “certo” e “errado”, ou entre o que se pretendia dizer e o que foi dito efetivamente. Desta forma, tanto lapsos quanto disfluência¹ têm sido considerados como argumentos (equivocados, segundo Scarpa 1995)

* Doutoranda em Lingüística pela UNICAMP. E-mail: ericarei@yahoo.com

¹ Para maiores detalhes a respeito de disfluência, consultar Scarpa (1995).

que revelariam uma separação entre conhecimento (perfeito) e uso (imperfeito) da linguagem, entre competência e desempenho.

Neste sentido, a análise do estudo do estatuto do lapso representa um exercício teórico e metodológico útil para o esclarecimento de certos aspectos do funcionamento da língua, uma vez que o lapso, enquanto “erro”, convoca a uma interpretação que toca necessariamente a confluência de diversos aspectos aparentemente conflitantes da linguagem.

No presente trabalho, apresentaremos os aspectos prosódicos de lapsos da língua produzidos oralmente, de maneira espontânea e em situação ambiente, por falantes nativos adultos do Português brasileiro.

2. Definindo o lapso

O que é um lapso? Respostas para essa questão são bastante controversas. A dificuldade de se encontrar uma definição para o fenômeno provavelmente é devida ao fato de que ele sempre foi considerado como um fenômeno desviante, e, em função disso, colocado para “fora da língua”. Os termos geralmente empregados para defini-lo são “desvio” ou “erro” (e todo desvio implica um “caminho adequado” que foi abandonado, assim como todo erro remete a um acerto).

Num percurso bibliográfico razoavelmente abrangente da literatura, foram encontradas apenas duas definições de lapsos (que, em inglês, são conhecidos como *slips of the tongue*, *speech errors* ou simplesmente, *lapses*). Uma delas, encontrada num dicionário, foi reproduzida por Hotopf (1980) e é particularmente vaga; a outra, mais precisa, é tomada como referência por outros autores (cf. Fromkin, 1971; Talo, 1980). As definições são as seguintes:

“Um lapso da língua, de acordo com o *Shorter Oxford Dictionary*, é um “desvio ou erro não-intencional na escrita, fala, etc”. (Hotopf 1980:104, grifo nosso)

“Um lapso da língua (...) é um *desvio involuntário no desempenho* do falante a partir de uma intenção fonológica, gramatical ou lexical que esteja em andamento”. (Boomer & Laver 1973:123, grifo nosso).

É interessante notar que ambas as definições utilizam os termos “não-intencional” e “involuntário” para caracterizar o lapso. Além disso, ambas as definições destacam não só o caráter desviante do lapso, mas também remetem à separação entre conhecimento e uso da linguagem.

De acordo com a perspectiva adotada neste trabalho, a linguagem é vista como um sistema no qual o sujeito se insere e no qual e pelo qual ele se constitui através de relações. Desta forma, não haveria uma separação entre conhecimento e uso da linguagem. Em outras palavras, segundo essa perspectiva, tanto “erros” quanto “lapsos” estão inseridos no funcionamento

lingüístico como um todo, revelando-se sob condições não-aleatórias, i.e., obedecendo a determinados princípios da linguagem na qual eles se manifestam. Assim, ao se privilegiar o estudo dos lapsos em sua manifestação oral, eles podem ser encarados como um *cruzamento de discursos* em determinados pontos da cadeia sonora, que envolvem uma *ruptura com a estabilidade de significação* (cf. Lemos, 1992).

3. Lapsos e Erros em Adultos e Crianças

Qual é a diferença entre lapsos e erros? Será que tanto os adultos quanto as crianças cometem lapsos e erros, ou não?

Para responder essas questões, é preciso adotar uma convenção a partir da definição de lapso aqui adotada, devido à ausência de critérios objetivos para discernir erros de lapsos.

Admitindo que o lapso é um cruzamento de discursos, o que seria o erro?

De acordo com Possenti (1996), há dois tipos de erros, que ele chama de “erros escolares”: o primeiro tipo se refere à utilização de “variantes não padrões em situações nas quais a variante padrão seria exigida” – tais como erros “ortográficos ou gramaticais em sentido mais amplo (concordância, regência etc)”; o segundo tipo de erro “decorre de estar o aluno aprendendo uma variedade nova” (Possenti 1996:86-87).

Desta forma, tanto o adulto quanto a criança cometem erros vulgarmente conhecidos por “erros gramaticais” ou erros produzidos em decorrência do aprendizado de variedades da própria língua materna ou mesmo de uma língua estrangeira (aprendizado de segunda língua).

Nesse sentido, a distinção entre erro e lapso será estabelecida através da convenção que estipula que tanto o adulto quanto a criança cometem erros, mas só o adulto (falante nativo de uma língua) comete lapsos; e a diferença entre erros e lapsos cometidos pelo adulto dependerá da situação discursiva de ocorrência, uma vez que ambos (tanto o erro quanto o lapso) convidam a uma interpretação.

4. O Estatuto do Lapso na Lingüística e na Psicanálise

Até aqui, vimos que tanto o erro quanto o lapso convocam a uma interpretação que permitirá distingui-los. Assim, outra questão que se coloca é: o lapso poderia ser mesmo um “erro involuntário” (como foi definido por alguns autores)? Ou a questão mais pertinente a ser feita seria: o lapso (enquanto “erro involuntário” ou não) obedeceria a restrições da língua em que ele se manifesta?

O lapso teve um papel fundante na análise do inconsciente. O estudo do estatuto do lapso, portanto, envolve a representatividade do seu papel como ponto de encontro da Lingüística com a Psicanálise, seja através da análise

de regularidades nesse fenômeno lingüístico, por um lado, seja como uma via de acesso a repressões inconscientes, por outro.

Nesse sentido, a Lingüística tem uma relação fundamental com a Psicanálise, uma vez que esta se utiliza do material lingüístico estudado por aquela para exercer sua função e que ambas levantam questões referentes à linguagem e ao discurso.

Os lapsos da língua foram e têm sido estudados tanto no campo lingüístico quanto no psicanalítico. Enquanto aquele estuda regularidades do fenômeno lingüístico, este os encara como uma via de acesso a repressões inconscientes.

Em uma abordagem lúcida, já no começo do século XX, Freud faz as seguintes observações em relação aos lapsos:

“O material (lingüístico) comum que usamos ao falar em nossa língua materna parece estar protegido contra o esquecimento, mas sucumbe com freqüência bem maior a uma outra perturbação, conhecida como ‘lapso da fala’ (...).”

“Admitindo a suposição de que um mecanismo semelhante ao demonstrado no esquecimento de nomes também poderia desempenhar um papel nos fenômenos dos lapsos de fala, somos levados a formar um juízo mais aprofundado nos casos de lapsos de fala. A perturbação da fala que se manifesta no lapso pode ser causada, em primeiro lugar, pela influência de outro componente do mesmo discurso — isto é, por uma antecipação ou uma perseveração do som —, ou por uma outra formulação das idéias contidas na frase ou no contexto que se tenciona enunciar (...).”

“A perturbação poderia, contudo, ser de um segundo tipo (...); poderia resultar de influências *externas* à palavra, frase ou contexto, e provir de elementos que não se pretendia enunciar e de cuja excitação só tomamos conhecimento justamente através da própria perturbação. O que esses dois modos de formação dos lapsos da fala têm em comum é a simultaneidade da excitação, e o que os diferencia é situar-se a origem da perturbação dentro ou fora da frase ou contexto. A diferença, inicialmente, não parece tão grande no que concerne a certas deduções que podem ser feitas a partir da sintomatologia dos lapsos da fala. É evidente, contudo, que apenas no primeiro caso existe qualquer perspectiva de se extrair dos fenômenos dos lapsos da fala conclusões sobre um mecanismo que vincule os sons e palavras entre si, de modo a que eles influam mutuamente em sua articulação (...).”

“No caso de interferência de influências *externas* à frase ou ao contexto do que é dito, tratar-se-ia, antes de mais nada, de saber quais são os elementos interferentes, surgindo depois a questão de saber se também o mecanismo dessa perturbação pode revelar as presumíveis leis da formação da fala.” (Freud 1987a:60-62).

Por outro lado, Freud admite que:

“(...) a forma específica assumida pelo erro [aqui entendido no sentido de lapso] não é determinada pela qualidade da idéia perturbadora que permaneceu na obscuridade. (...). Somente a complacência do material lingüístico é que possibilita a determinação dos erros e, ao mesmo tempo, marca seus limites.” (Freud 1987:194-195, grifos nossos).

Em outras palavras, isso significa que a linguagem na qual os lapsos se manifestam interfere na forma da manifestação dos erros. Na verdade, conforme será discutido nesse trabalho, a forma que os lapsos assumem se dá em função das propriedades lingüísticas e prosódicas da linguagem na qual eles se manifestam.

5. Os Processos Metafóricos e Metonímicos

Saussure (1972) analisou duas relações básicas presentes na linguagem, que ele chamou de *relações sintagmáticas* e *associativas*. As *relações sintagmáticas* se referem às relações que os termos de uma sentença estabelecem entre si de modo que cada termo adquira seu valor ao se opor aos demais. As *relações associativas*, por sua vez, são as relações existentes entre as palavras que têm algo em comum entre si:

“A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual.” (Saussure 1972:142-143)

Nas palavras de Jakobson (1974), que retomou Saussure,

“Os constituintes de um texto têm um estatuto de contigüidade, enquanto num grupo de substituição os signos estão ligados entre si por diferentes graus de similaridade que oscilam entre a equivalência dos sinônimos e o fundo comum dos antônimos”. (Jakobson 1974:40)

Assim, “uma dada unidade significativa pode ser substituída por outros signos mais explícitos do mesmo código, por via de que seu significado geral se revela, ao passo que seu sentido contextual é determinado por sua conexão com outros signos no interior da mesma seqüência.” (Jakobson 1974:41).

Jakobson associa o que ocorre nas relações sintagmáticas a uma figura de linguagem conhecida como metonímia em função da contigüidade, enquanto que as relações associativas são vinculadas à metáfora por questões de similaridade. Em outras palavras, as relações sintagmáticas se dariam no eixo sintagmático ou metonímico (de contigüidade), ao passo que as relações associativas ocorreriam no eixo associativo ou metafórico (de similaridade).

Essas relações, que ficaram conhecidas como *relações metafóricas e metonímicas*, procuram dar conta de processos de significação, que – de acordo com Lemos (1992) – vão permitir lidar com a ruptura da estabilidade de significação revelada nos lapsos através do cruzamento de discursos e dizeres. Em outras palavras, a partir de uma releitura de Saussure, de Jakobson e de Lacan, Lemos (1997) conclui que

“É justamente a nomeação desses eixos como pólos ou processos metafóricos e metonímicos que vai permitir lidar com a ruptura (...) [da] estabilidade [da significação]”. (Lemos 1997:11)

Tais pólos ou processos são definidos nos seguintes termos:

“Os processos metafóricos e metonímicos [são] como mecanismos de mudanças cuja direção é a estabilização da língua na fala da criança, isto é, a consolidação de categorias e estruturas.” (Lemos 1997:11)

Contudo, não basta nomear pólos ou processos; é preciso questioná-los e sistematizá-los de modo a distingui-los nos adultos:

“A estabilização não é interpretável como um ponto final na atuação desses processos, já que uma certa homogeneidade na fala dos adultos não os homogeneiza enquanto falantes, não elimina a singularidade e a diferença nem detém a mudança lingüística.”

“Isso considerado, por que ou como cessam os erros? Ou melhor, como esse processos deixam de produzir erros?”

“Dessa questão decorre outra ou, mais precisamente, a necessidade de questionar a generalidade desses processos de modo a distinguir o erro da criança da metáfora do poeta, a metáfora do poeta da metáfora da ciência, a metáfora que produz o lapso, o ato falho, o chiste, da metáfora cristalizada na catacrese.” (Lemos 1997:13)

Na verdade, esses processos são reelaborados de modo a delinear um pouco mais precisamente a fronteira que distingue os erros na criança dos lapsos no adulto.

Os comentários de Hockett (1973) também apontam para a tensão de pelo menos dois conceitos que se cruzam:

“Um lapso é, em certo sentido, uma indicação de indecisão: o falante está operando sob duas (ou mais) tendências conflituosas e não as resolve completamente.”(Hockett 1973:114)

O que interessa ao lingüista, porém, é estudar e analisar “a complacência

do material lingüístico”² (i.e., as regras de uma determinada linguagem) de modo a descobrir tanto a delimitação das fronteiras de ocorrência dos lapsos quanto possíveis restrições lingüísticas à ocorrência deles.

6. Uma Proposta de Classificação dos Lapsos

Diante da necessidade de nomeação ou classificação dos lapsos como fenômenos lingüísticos relacionados aos pólos ou processos metafóricos/paradigmáticos e metonímicos/sintagmáticos, eles foram classificados como *lapsos paradigmáticos* e *lapsos sintagmáticos*³. Outros autores, porém, optaram por sistemas classificatórios distintos.

Stemberger (1993), por exemplo, propôs um sistema baseado nas características superficiais dos lapsos cometidos por falantes nativos, adultos e normais de uma determinada língua, excluindo referências específicas a teorias lingüísticas conexionistas, para unificar e/ou padronizar os diversos sistemas de classificação existentes nos modelos de produção da linguagem:

“Há várias abordagens possíveis para criar um sistema de classificação para lapsos. Primeiro, a descrição exata de um lapso só é possível dentro do contexto de uma teoria específica. Cada teoria classifica e explica os lapsos de formas diferentes. Seria portanto legítimo selecionar uma determinada teoria de produção da linguagem e apresentar o sistema de classificação vinculado àquela teoria. Entretanto, um sistema de classificação atrelado a uma teoria é inconveniente. Quando a teoria muda, o sistema de classificação também pode mudar, e o pesquisador deve voltar aos dados e re-classificar muitos lapsos. Além disso, ele é de uso limitado aos pesquisadores que usam uma teoria de produção da linguagem diferente, que vincula uma diferente classificação de lapsos. Uma outra abordagem devia ser para desenvolver um sistema de classificação isento de teorias. Uma classificação de lapsos seria baseada nas características superficiais. Pesquisadores usando diferentes modelos de produção da linguagem poderiam usar o mesmo sistema de classificação, mas poderiam pressupor diferentes mecanismos atuantes num tipo específico de lapso. Uma mudança na teoria não precisa promover uma re-análise dos dados, mas apenas uma re-interpretação dos mecanismos referentes aos lapsos. *Um sistema de classificação isento de teorias é desejável, e tentarei apresentar um aqui. Lapsos vão ser classificados puramente em termos de características superficiais, com o mínimo possível de contaminação de teorias específicas de produção da linguagem. (...)*”

“O sistema de classificação apresentado aqui é baseado em lapsos da língua cometidos por falantes nativos, adultos e normais de uma língua.

² Cf. Freud (1987:194-195).

³ Talo (1980) já havia delineado essa proposta de classificação ao analisar lapsos de sujeitos normais e parafasias de sujeitos afásicos.

Lapsos também podem ocorrer em outras populações: falantes nativos adultos com patologias da linguagem, crianças normais ou mentalmente perturbadas e falantes não-nativos de uma língua. O sistema apresentado aqui também pode ser usado com essas populações.” (Stemberger 1993:53-54; grifos nossos)

A classificação proposta por Stemberger (1993) é a seguinte:

Sistemas de Classificação

A. Tipo de Lapso

1. substituição
2. adição
3. perda (deleção/omissão/apagamento)
4. amálgama

B. Nível Lingüístico

1. semântico
2. pragmático
3. lexical
4. sintático
5. morfológico
6. fonológico
7. motor/fonético

C. Fonte

1. sem fonte/ não-contextual (paradigmático)
2. ambiental (não-lingüístico)
3. contextual (lingüístico/sintagmático)

D. Direcionalidade

1. antecipação AB → BB
2. perseveração AB → AA
3. incompleto AB → A—
4. antecipação/perseveração ABA → AAA
5. complexo

- a. troca/mudança AB → BA
- b. série ABC → AAA/CCC
- c. cadeia ABC → AAB/BCC
- d. borrão ABC → BA/CB
- e. pára-choques AB → CA/BC
- f. neologismos

E. Unidade Lingüística

1. unidade fonológica

- a. fonema
- b. traço fonológico
- c. sílaba
- d. acento/prosódia
- e. etc.

2. morfema

- a. base
- b. prefixo
- c. sufixo
- d. regularização
- e. etc.

3. palavra

- a. classe aberta/classe fechada
- b. substantivo, verbo, etc.

4. unidade sintática

- a. estrutura sintagmática
- b. transformação
- c. etc.

Essa classificação, porém, além de ser meramente descritiva, é também ampla e genérica, pois avalia os lapsos em função do alvo. Vejamos a aplicação desse sistema de classificação em alguns lapsos⁴ aqui analisados:

(1) Mulher comenta o fato de um pai ter levado os filhos ao restaurante.

Alvo: [[A conta]_Φ [foi as-tro-nô-mi-ca]_Φ],_I.

Produção: ... gas-tro-nô-mi-ca.

(2) Durante um seminário.

Alvo: ... [[a alma]_Φ [é imortal]_Φ],_I.

Produção: ... é imoral.

Em (1), o alvo (i.e., o que o falante pretendia dizer) era o adjetivo “astronômica”; a produção (i.e., o que o falante disse efetivamente) gerou o lapso ao empregar o adjetivo “gastronômica”. Nesse caso, de acordo com a classificação proposta por Stemberger, houve adição de um segmento (o fonema /g/). Já em (2), o alvo é a palavra “imortal” e o lapso corresponde à palavra “imoral”; assim, de acordo com o autor, houve uma perda (omissão/apagamento) de um segmento (o fonema /t/). Entretanto, a classificação proposta neste trabalho procura analisá-los sob um ponto de vista que forneça uma *explicação lingüística para a sistematicidade das ocorrências*.

Desta forma, lapsos por substituição de palavras foram chamados de *lapsos paradigmáticos*, i.e., que ocorreram no eixo metafórico; e lapsos que envolvem trocas mútuas⁵ de palavras ou segmentos, dentre outros, foram classificados como *lapsos sintagmáticos*, uma vez que são lapsos relativos a ocorrências no eixo metonímico.

Sob esse ponto de vista, tanto o lapso (1), correspondente à palavra “gastronômica”, quanto o lapso (2), correspondente à palavra “imoral”, são lapsos paradigmáticos, pois ambos são itens lexicais que estabeleceram uma conexão metafórica com seus respectivos alvos. E, nas palavras de Lacan (1966),

“A centelha criadora da metáfora (...) jorra “entre dois significantes dos quais um substitui o outro tomando-lhe o lugar na cadeia significante, o significado oculto permanecendo presente pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia”. (Lacan 1966:237)

⁴ Os lapsos estão segmentados em frases fonológicas (simbolizadas por Φ) e em frases entonacionais (simbolizadas por I) de acordo com a teoria da Fonologia Prosódica proposta por Nespor & Vogel (1986), que será apresentada mais adiante em 11. *Prosódia e Domínios Prosódicos*.

⁵ *Exchanges*, em inglês.

Nesse sentido, ao se constituírem como *cruzamentos discursivos*, lapsos paradigmáticos e sintagmáticos revelam conexões metafóricas e metonímicas da linguagem em que ocorrem.

7. Fontes e Efeitos dos Lapsos

Ao constatar a ocorrência de um lapso na pronúncia de um falante, o ouvinte pode ter as reações mais diversas, que vão da surpresa à intriga, passando pelo riso; dificilmente ele permanecerá impassível ao perceber um lapso. Basicamente, o efeito do lapso pode ser caracterizado como sendo semelhante ao do chiste ou do ato falho. Um chiste produz um efeito cômico, intencional ou não, ao passo que o ato falho seria um erro de desempenho ou uma hesitação referente às auto-correções.

Ao convocar a uma interpretação, o lapso pode, assim como o chiste, produzir um efeito cômico, intencional ou não. Mesmo o lapso produzido intencionalmente obedece a determinadas regras e princípios específicos de acordo com a linguagem em que se manifesta e, particularmente, de acordo com o contexto de manifestação. Nesse sentido, o que seria considerado lapso num certo contexto, em outro não o é. Daí a importância da apresentação dos dados em termos de possível alvo (o que se pretendia dizer naquela circunstância) e produção (o que foi dito efetivamente e que, naquele contexto, foi caracterizado como lapso). Isso é válido particularmente no caso dos lapsos paradigmáticos.

Em relação aos lapsos sintagmáticos, a contextualização pode ser caracterizada como um complemento interpretativo, uma vez que podem ser analisados como o cruzamento mútuo de discursos, i.e., como manifestações da subversão mútua dos eixos paradigmático e sintagmático.

Eis um exemplo de lapso sintagmático verídico publicado na imprensa:

“CONTRAPONTO” Calendário Trocado

Há duas semanas, Lula (PT) esteve em Sergipe para inaugurar o comitê de campanha do candidato da sigla a prefeito de Aracaju, Marcelo Déda. (...) Cansado, Lula posou para fotos e fez uma série de gravações para candidatos da sigla no interior transmitirem em seus municípios. Um dos últimos a ser atendido foi Eduardo Abril, candidato a prefeito de Estância. (...) Logo que Abril estendeu o gravador, Lula passou a falar sobre a importância da eleição para prefeito, que este ano será realizada no dia 1º de outubro. Extenuado, arrematou:

___ Companheiros de Estância, no dia 1º de abril votem no companheiro Eduardo Outubro!”

(Folha de São Paulo, domingo, 30 de julho de 2000, Caderno BRASIL, p.A-4).

O atual presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, o Lula, do PT (Partido dos Trabalhadores), costuma ser freqüentemente criticado, dentre outros motivos, pela sua suposta ignorância, uma vez que ele tem um baixo grau de escolarização. De fato, é possível que lapsos sejam produzidos por desconhecimento do item lexical mais apropriado em um determinado contexto. Nesse caso, porém, não se trata de ignorância do falante. Vejamos porquê.

“Abril” e “outubro” pertencem ao mesmo campo semântico, pois ambos são meses do ano. No ano eleitoral em questão, as eleições seriam realizadas no dia 1º de outubro. Lembremos que o dia 1º de abril é considerado o Dia da Mentira, relativamente popular no Brasil. O que aconteceu foi, portanto, um cruzamento de discursos, gerando um lapso sintagmático.

O jornal afirma que o político estava “cansado” e “extenuado”. Em relação a isso, Stemberger (1993) comenta que

“Cansaço, especialmente fadiga, pode aumentar a taxa de lapsos da língua. Isso não foi estudado sistematicamente.” (Stemberger 1993: 57)

A respeito de contextualização e fontes de lapsos, Stemberger (1993) afirma que

“Muitos lapsos têm uma fonte, i.e., algum elemento além do contexto lingüístico ou ambiente não-lingüístico que interfere no elemento alvo e que de alguma forma modifica o que é produzido. (...) Se o elemento aparece em algum lugar naquilo que o falante está dizendo, seja na mesma sentença ou numa outra, é um *lapso contextual (sintagmático)*. [ex: lapso do Lula]. Se o lapso aparece externo ao falante (tal como uma linguagem que o falante está ouvindo ou lendo, ou um objeto ou ação que o falante está observando), é um *lapso ambiental*. Ocasionalmente, a fonte pode estar no sistema cognitivo do falante, sistema externo à linguagem, tal como pensamentos não-expressos; isso pode ser considerado um lapso ambiental ou o pesquisador pode optar por dar a ele uma classificação separada (ex: um lapso freudiano).”

“Geralmente, o pesquisador pode não encontrar uma fonte aparente para um lapso. Em pessoas normais, isso é amplamente válido para lapsos por substituição de palavras (...).” (Stemberger 1993:55, grifos nossos)

Assim, de acordo com Stemberger, “lapsos contextuais” seriam os lapsos sintagmáticos e os “lapsos não-contextuais” (ou “sem fonte”), seriam os lapsos paradigmáticos (desencadeados por relações entre termos que Saussure define como *in absentia*, i.e., que podem ocorrer num determinado ponto do enunciado formando uma série mnemônica). O autor considera contextual apenas o que se refere à linguagem. Entretanto, considerando o enfoque aqui adotado – que analisa os lapsos como cruzamento de discursos – todos os lapsos são, em maior ou menor grau, contextualizáveis. É verdade que determinar a(s) fonte(s) de um

lapso pode ser uma tarefa árdua e mesmo capciosa, mas nem por isso elas deixariam de existir. Desta forma, um “lapso ambiental”, nas palavras de Stemberger, pode ser considerado um lapso paradigmático.

Eis um exemplo de “lapso paradigmático-ambiental” do *corpus* deste trabalho:

(3) *Alvo*: Vou pedir o retroprojeto.

Situação: o falante está andando e conversando com um colega e vê um adesivo colado num carro. O adesivo diz “sem professor esse país não anda”.

Produção: Vou pedir o retroprofessor.

Na verdade, os lapsos paradigmáticos desse tipo, além de serem cruzamentos de discursos, envolvem também uma seleção alternativa de elementos concorrentes. Nesse sentido, o falante, ao se deparar com vários estímulos (sejam eles internos ou externos; ambientais, visuais etc), pode apresentar dificuldades ao decidir o que vai ser dito efetivamente (seja, por exemplo, por questões de cansaço, fadiga, *stress*, distração etc) e isso possibilitaria a produção de lapsos através da reelaboração de relações lingüísticas entre o sujeito (falante), a linguagem e estímulos de alguma natureza.

8. Metodologia: a Coleta de Dados

A questão da metodologia na coleta de lapsos é tão controversa quanto o fenômeno em si. Foi dito, no início da introdução, que o lapso está na confluência entre o esperado e o inesperado. É precisamente na contraparte do “inesperado” que o lapso oferece dificuldades quase intransponíveis na coleta e metodologia de sua elicitación, pois ele não acontece tão facilmente em dados naturalísticos gravados em conversas espontâneas.

Na literatura, há basicamente dois métodos de estudo: o naturalístico e o experimental.

Em relação ao método naturalístico, há duas possibilidades de coleta de dados:

- através da gravação de grandes quantidades de fala e
- através da anotação de erros que são ouvidos em situações cotidianas.

A vantagem da gravação de dados naturalísticos se refere à possibilidade de se ouvir várias vezes determinados trechos das fitas para análises mais apuradas, inclusive acústicas. A principal desvantagem é a baixa taxa de ocorrência de dados.

Em relação aos dados colhidos através de anotações, a maior vantagem é a coleta de dados em situações reais de uso da linguagem. Outras vantagens são:

- acessibilidade à coleta (qualquer um pode coletar dados em qualquer lugar com o mínimo de equipamento); e
- possibilidade de obtenção de amostragem relativamente extensa sem que haja a necessidade de o pesquisador conferir horas e horas de fitas gravadas.

As desvantagens são:

- perda ou esquecimento de alguns tipos de erros antes que eles possam ser anotados;
- questionamento da confiabilidade dos dados;
- ausência de controle das variáveis ⁶, tais como o que vai ser dito, velocidade de fala etc.

O aspecto mais questionado do método naturalístico se refere à *confiabilidade* dos dados coletados, i.e., se os dados coletados por esse método são autênticos e confiáveis como objeto de análise. Já no método experimental tem sido colocada em dúvida a *validade* dos dados, uma vez que eles são coletados em situação controlada e podem não refletir a produção normal da linguagem nem a variedade de tipos dos lapsos.

Na verdade, nenhuma metodologia é perfeita. Porém, as vantagens e desvantagens das abordagens naturalística e experimental são quase complementares: quando uma tem problemas, a outra não ⁷.

De qualquer forma, foram selecionados os dados coletados pelo método naturalístico por considerarmos que eles refletem melhor os lapsos ocorridos em situação real. Considerei tanto os dados anotados e lidos por mim quanto os do projeto NURC ⁸, de modo a traçar um paralelo entre dados anotados e gravações em situação relativamente controlada.

As anotações foram realizadas pela autora ou a ela reportadas por terceiros.

9. Os Dados no Contexto Prosódico

Os dados do presente trabalho são representantes da linguagem oral. Assim, a opção metodológica por uma análise prosódica se justifica por privilegiar elementos característicos da oralidade – que contém uma série de elementos rítmicos e entonacionais que, imprescindivelmente, devem ser levados em conta. Como afirma Cagliari (1992:42), “os aspectos prosódicos da fala não servem para enfeitar a fala, fazem parte da própria essência da linguagem oral.”

⁶ *apud* Stemberger 1993: 61-63.

⁷ *apud* Stemberger 1993:63.

⁸ O projeto NURC será descrito e comentado mais adiante, no item 10. *Lapsos, Metalapsos, Hesitações e Reformulações*.

Além disso, a prosódia raramente é levada em consideração nos estudos da linguagem, o que é paradoxal: uma vez que ela é constitutiva da língua, ela deve ser estudada tanto quanto outros fenômenos lingüísticos.

De acordo com as hipóteses formuladas neste trabalho⁹, tanto o eixo paradigmático quanto o sintagmático nos quais os lapsos se manifestam estão submetidos a determinados limites de extensão, que, por sua vez, são regidos pela prosódia.

Os parâmetros para verificar que fronteira(s) é(são) essa(s) e qual a extensão dela(s) estão relacionados à hierarquia prosódica do enunciado e a elementos rítmicos e acentuais.

10. Lapsos, Metalapsos, Hesitações e Reformulações

Um vasto material de português brasileiro gravado foi feito pelo Projeto NURC (Norma Urbana Culta). Esse projeto consistiu no registro, em fitas cassete, de grandes quantidades de fala de adultos brasileiros nativos residentes em algumas capitais do país nas situações de elocuições formais (aulas, conferências), diálogos entre dois informantes e entrevistas. Apesar da extensão do material lingüístico registrado, a ocorrência de lapsos é discutível, pois as instâncias dos lapsos podem ser classificadas como inserções, reformulações ou hesitações dos falantes.

Silva & Koch (1996) fizeram as seguintes observações a respeito:

“Da mesma forma que a inserção e a reformulação, a hesitação constitui uma estratégia de retardamento [lentificação da fala], tendo, porém, um estatuto diverso.” Na verdade, “(...) a hesitação [é] constitutiva do próprio processo de construção do texto falado, ligada à possibilidade mesma de sua emissão, já que nele (...) planejamento e verbalização são necessariamente simultâneos, pondo-se a nu, a cada momento, o processo de sua construção. Em outras palavras, (...) o texto falado se apresenta em ‘*status nascendi*’, ele é o seu próprio rascunho. Não existem, assim, trechos de fala sem hesitações, ao passo que podem existir trechos, mais ou menos longos, sem inserções e reformulações.” (Silva & Koch 1996: 334)

Hockett (1973), por sua vez, afirma que

“(…) Muitos lapsos são seguidos por uma correção, mas tal reformulação explícita também pode envolver lapsos. Nenhum discurso está completamente livre de lapsos – a única maneira de evitá-los é permanecer em silêncio” (Hockett 1973:114).

⁹ As hipóteses serão apresentadas detalhadamente mais adiante, no item 12. *Algumas Hipóteses.*

Apesar disso, o autor sugere que

“Num certo sentido, a correção de um lapso pode constituir um ‘*metalapso*’.”
(Hockett 1973:105, grifo nosso).

Vejamos os seguintes trechos do Projeto NURC/SP:

(4) “olha mesmo com as especializações... tem as boas *espre/ especializações* as que dão dinheiro...”¹⁰

(5) “... era uma coisa fora de de de de de de série a pessoa ir lá pra se *diver/distrair divertir* voltava cansada de pegar uma fila enorme...”¹¹

(6) “... porque não teria cabimento eu *che/convidá-las pra jan/prá almoçar* em casa e preparar um:: um prato do meu gosto... não é?”¹²

O trecho (4) pode ser considerado um metalapso, pois, se fosse concluído, geraria “especializações”; (5), por sua vez, consistiria numa reformulação, pois, além da semelhança semântica entre os verbos “divertir” e “distrair”, houve uma retomada completa da forma fônica do primeiro, que tinha sido interrompida para pronunciar o segundo (/dive{distRai{dive{ti{/}).

O caso de (6) é mais difícil de ser definido, já que ele pode simultaneamente conter metalapsos (nesse contexto, a pronúncia /Se/ geraria o verbo “chegar” e caracterizaria um metalapso paradigmático em relação ao verbo “convidar”; analogamente, a pronúncia /ZCE/ produziria o verbo “jantar” em contraposição ao verbo “convidar”) e reformulações ou hesitações referentes à decisão da forma significante mais apropriada.

Outros exemplos de hesitações são:

(7) “... para muitos de nós foi o primeiro contato em profundidade com a pintura e em *último ca/lugar*... a elaboração da única meditação estética...”¹³

Nesse caso, o falante optou por um outro item lexical no momento que em já estava pronunciando metade da primeira palavra selecionada (“caso/lugar”). Já em (8)

(8) “...eles obrigam a maioria das firmas obrigam isso *ele se apre/ ele se prende* num contrato de DOIS anos terminando o curso...”¹⁴

¹⁰ Castilho & Preti (1987:77), grifos nossos.

¹¹ Preti & Urbano (1988:117), grifos nossos.

¹² Preti & Urbano (1988:128), grifos nossos.

¹³ Castilho & Preti (1986:74), grifos nossos.

¹⁴ Castilho & Preti (1987:83), grifos nossos.

O falante realizou uma auto-correção de modo a não pronunciar completamente o verbo “aprender” conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo numa colocação reflexiva (*ele se aprende).

Finalmente, um outro exemplo de um metalapso paradigmático ou reformulação é

(9) “bom isso também... essa *re/ahn... respó/pergunta* também eu::... tenho preocupação de responder...”¹⁵

Aqui, o falante, que hesitou num primeiro momento, começou a pronunciar a palavra “resposta” quando, numa auto-correção, ele a substituiu pelo item lexical antônimo, “pergunta”.

Esses exemplos revelam a ocasional confluência entre lapsos, metalapsos, hesitações e reformulações.

Convém destacar que os lapsos do *corpus* neste trabalho foram produzidos por falantes nativos adultos e sem distúrbios cerebrais do português do Brasil durante a realização de discursos normais e espontâneos. A esse respeito, Boomer & Laver (1973) afirmam que

“É importante reconhecer que discurso ‘normal’ não significa discurso ‘perfeito’. A norma para discurso espontâneo é demonstradamente imperfeita. A conversação é caracterizada por pausas freqüentes, sons de hesitação, falsos começos, articulações errôneas e correções. Ao optar pela exclusão dessas irregularidades características, a lingüística descarta a checagem potencialmente poderosa da veracidade de modelos competitivos de desempenho discursivo” (Boomer & Laver 1973:121).

Nesse caso, não se trata de excluir irregularidades características do discurso espontâneo, mas sim de encarar o lapso de modo a não confundir-lo com hesitações e/ou reformulações.

Desta forma, mesmo com tantas controvérsias, análises dos dados do NURC estabelecem um paralelo entre dados colhidos em situação ambiente e dados gravados. Nesse sentido, diante da dificuldade de coleta de material para o estudo dos lapsos, é de importância fundamental tomar decisões teóricas e metodológicas coerentes com os propósitos de possíveis análises.

11. Prosódia e Domínios Prosódicos

Antes de apresentar a análise prosódica deste trabalho, convém definir o termo “prosódia” e seus elementos.

A *prosódia* envolve parâmetros como duração, intensidade (amplitude),

¹⁵ Preti & Urbano (1988:159), grifos nossos.

altura (frequência), velocidade de fala e pausa. Uma combinação desses elementos produz os subsistemas de ritmo e entonação.

Cada língua apresenta uma prosódia característica e, nos modelos de análise, há determinadas hierarquias prosódicas. Porém, é importante salientar que, apesar de hierárquicos, os elementos prosódicos não têm uma relação isomórfica com os constituintes gramaticais ou com categorias semânticas.

O número de domínios prosódicos difere de acordo com o modelo adotado. Para Selkirk (1984), são seis domínios:

- 1- Enunciado fonológico
- 2- Frase entonacional - IP
- 3- Frase fonológica - PhP
- 4- Palavra prosódica - Wd
- 5- Pé - Ft
- 6- Sílabas - Syl

Já para Nespor & Vogel (1986), há sete domínios:

- 1 – Enunciado Prosódico ou Fonológico (U)
- 2 – Frase entonacional (I)
- 3 – Frase fonológica (Φ)
- 4- Grupo clítico (C)
- 5 – Palavra fonológica (ω)
- 6 – Pé (Σ)
- 7 – Sílabas (σ)

Partindo do conceito mais abaixo na hierarquia, temos as seguintes definições:

A *Sílabas* (σ) é a menor unidade prosódica. Apesar de Nespor & Vogel (1986) defenderem que a sílaba não tem estrutura interna (cf. Collischo 1996: 97), adotarei a estruturação silábica da fonologia métrica e/ou auto-segmental (que segmenta a sílaba em *onset* ou ataque, rima, núcleo e coda) para uma descrição mais precisa dos lapsos.

De acordo com Goldsmith (1990),

“Trabalhos a respeito da estrutura interna da sílaba chegaram a uma conclusão pouco surpreendente de que a sílaba é um constituinte fonológico composto de zero ou mais consoantes, seguidas por uma vogal e terminando com uma cadeia mais curta de zero ou mais consoantes. (...) O núcleo é geralmente chamado de pico (...) [e] é obrigatório” e “(...) o núcleo e a coda formam uma unidade que é chamada de rima (...) (Goldsmith 1990:108)”.

Um estudo prosódico dos lapsos que leve em consideração a proeminência acentual necessita de uma noção silábica específica, pois

“Regras prosódicas envolvendo tons e acento dão atenção especial à estrutura silábica da palavra.”(Goldsmith 1990:113) e

“A estrutura silábica pode afetar a probabilidade do falante em cometer um lapso num dado elemento fonológico.” (Stemberger 1993:57)

O *Pé* (Σ) é uma estrutura hierárquica menor ou igual à palavra. Ele pode ser binário (forte/fraco = pé troqueado ou fraco/forte = pé iâmbico) ou n-ário. No modelo prosódico, ele é n-ário, como os demais constituintes. O pé é uma estrutura relativa que se caracteriza por ser forte ou fraco somente em relação a outros elementos.

A *Palavra Fonológica* (ω) é a categoria que domina imediatamente o pé. Ela é o constituinte que representa a interação entre os componentes fonológicos e morfológicos da gramática. O *Grupo Clítico* (C) é constituído da palavra fonológica e seus clíticos (palavras funcionais átonas, tais como artigos).

A *Frase Fonológica* (Φ) “é o constituinte que agrupa um ou mais grupos clíticos” (Nespor & Vogel 1986:165). Segundo Abaurre, Galves & Scarpa (1999:300), “(...) a vogal acentuada é o *locus* de proeminência relativa da frase fonológica no português brasileiro (...)” e “(...) a definição de Nespor e Vogel para a regra de formação da frase fonológica refere-se indiretamente ao acento, uma vez que é baseada na noção de lado não recursivo do constituinte, e na introdução da noção de ‘proeminência relativa’(...)” (Abaurre, Galves & Scarpa 1999:302).

A *Frase Entonacional* (I) é a menor unidade capaz de expressar conteúdo informativo que contém uma proeminência acentual (acento nuclear). Ela, inclusive, pode ser composta por uma única palavra. Finalmente, o *Enunciado Fonológico* (U) é composto de uma ou mais frases entonacionais.

12. Algumas Hipóteses

A prosódia parece estar envolvida de maneira crucial na ocorrência dos lapsos. Nesse sentido, levantar hipóteses relativas aos aspectos prosódicos desse fenômeno lingüístico pode fornecer contribuições significativas para o estudo da linguagem em geral. Antes de apresentá-las, porém, vejamos como outros autores analisaram os contornos supra-segmentais dos lapsos.

Ao pesquisar lapsos acentuais e entonacionais para propor contribuições relativas à organização do léxico mental, Cutler (1980) afirma que eles apresentam evidências para a hipótese de independência dos traços supra-segmentais na produção da sentença. Foram estudados os lapsos de acento lexical (nos quais itens lexicais recebem o acento tônico numa sílaba átona), os de acentuação da sentença e os de contorno entonacional.

Em relação aos lapsos de acento lexical, haveria duas explicações possíveis: ou ocorreria metástese do acento ou uma amálgama de formas adjacentes. Esta última explicação, porém, pressupõe que a organização interna

da lista do programa motor está baseada no som, e alguns dos erros não soam como distratores. Assim, o léxico seria dividido em seções de acordo com o padrão acentual.

Os lapsos de acentuação da sentença, por sua vez, seriam explicados ou como mudanças de traços acentuais de duas palavras ou como erros envolvendo mudança de marcação gramatical. Por exemplo, verificou-se uma tendência de substantivos substituírem substantivos em nomes compostos que tenham pelo menos um padrão acentual e um elemento comum. Também foi constatado que é possível que um acento contrastivo errôneo não produza um erro, mas sim um efeito contextual não desejado pelo falante.

Finalmente, nos lapsos de contorno entonacional, observou-se que um contorno final pode não ser aplicado quando deveria ou ser aplicado quando não deveria, dando a impressão de que o falante ou mudou de idéia ou pretende eliminar possíveis ambigüidades.

Considerando aspectos prosódicos na manifestação dos lapsos, foram elaboradas três hipóteses:

1ª) *Incidência do Lapso no Acento Nuclear*: verificamos se o lapso incide na palavra portadora de acento nuclear (manifestação fonética proeminente, i.e., foco) do enunciado. Essa hipótese é baseada em indícios de que há uma maior probabilidade de ocorrência de lapsos em sílabas fortes/nucleares e em posições centrais. Lapsos surgiriam, portanto, em trechos de maior fluência e estabilidade formal do enunciado, diferentemente das disfluências. Além disso, eles preservariam a estrutura prosódica apesar de subverterem os eixos paradigmático e sintagmático.

2ª) *Trocas de Onsets*: foi analisado se a tendência de lapsos apresentarem trocas de *onsets* em relação ao alvo é freqüente ou não.

3ª) *Frase Entonacional (I) como Fronteira de Lapsos*: essa hipótese, que é o fundamento deste trabalho, foi elaborada a partir de colocações de Boomer & Laver (1973) referentes ao domínio de ocorrência de lapsos. Embora esses autores tenham seus argumentos e conclusões de acordo com o modelo prosódico proposto por Halliday (1967), será interessante traçar um paralelo entre as constatações que eles fizeram e as que são desenvolvidas no presente trabalho, que se utiliza do modelo prosódico de Nespor & Vogel (1986).

A respeito da extensão de lapsos fonológicos, Stemberger (1993:59) comenta que, em inglês, 2 consoantes (desordenadas entre si) geralmente estão separadas por menos de 7 palavras ou 7 sílabas, de acordo com Boomer & Laver (1968).

De fato, no artigo reimpresso em Fromkin (1973) (Boomer & Laver 1973:125), eles dizem que a análise da "(...) estrutura canônica em inglês [é feita] em termos dos quais até 3 segmentos consonantais iniciais são possíveis,

e até 4 segmentos consonantais finais com o segmento nuclear localizado no meio”, totalizando 7 palavras ou sílabas.

Na verdade, essa extensão-limite de 7 palavras ou sílabas sugerida por Boomer & Laver (1973) provavelmente não seria linear, i.e., haveria uma estrutura prosódica subjacente a elas. Dito de outra forma, essas palavras ou sílabas devem comportar uma parentetização prosódica. Nesse sentido, a ocorrência de lapsos, embora envolva fundamentalmente a estrutura silábica, também obedece à estruturação prosódica do enunciado, conforme admitem os autores - embora eles sigam modelos prosódicos diferentes do tratado neste trabalho. Dizem eles:

“(...) aspectos supra-segmentais relevantes para unidades articulatórias de ordem superior tais como a sílaba, o pé e o grupo tonal estão envolvidos centralmente na determinação dos lapsos (...)” (Boomer & Laver 1973:127)

Desta forma, será verificado, nos nossos dados, se a frase entonacional é o domínio de ocorrência tanto de lapsos paradigmáticos quanto sintagmáticos.

No caso dos lapsos paradigmáticos, apesar de a substituição metafórica ser local, i.e., se dar no mesmo ponto do enunciado, será verificado se a fronteira para essa substituição envolve a menor unidade capaz de expressar conteúdo informativo que contenha uma proeminência acentual (acento nuclear), podendo, inclusive, ser composta por uma única palavra; ou seja, será verificado se o lapso ocorre na palavra sobre a qual incide a(s) sílaba(s) nuclear(es) de uma frase entonacional.

Os dados serão descritos e analisados de acordo com suas características mais relevantes, sejam elas semânticas (no eixo paradigmático ou metafórico), sintáticas (no eixo sintagmático ou metonímico), fonéticas e/ou fonológicas. Desta forma, eles poderão ser melhor contextualizados para a realização de uma análise prosódica.

Eis mais alguns exemplos¹⁶:

(10) Comentário a respeito de pequenas gotas que caem da árvore.

Alvo: [[[É urina]_Φ [de cigarra]_Φ]]_U
Produção: ... de guitarra.

A substituição paradigmática de “cigarra” por “guitarra” provavelmente envolveu não só aspectos referentes à uma quase identidade fonética (/sigaxa/ e /gitaxa/, respectivamente), mas também pode ter envolvido questões relativas à experiência sensorial: o ruído produzido por cigarras pode ser semelhante ao

¹⁶ Os exemplos estão segmentados em frases fonológicas (representadas por Φ), frases entonacionais (representadas por I) e enunciados fonológicos (representados por U) conforme proposto por Nespor & Vogel (1986).

ruído produzido por guitarras. O lapso incidiu nas sílabas portadoras do acento nuclear do último item lexical da frase entonacional e houve troca dos *onsets* das duas primeiras sílabas do lapso em relação ao alvo (/sl/→/gl/ e /gA/ → /tA/).

(11) Comentário.

Alvo: [[[Ele está]_ϕ [de cavanhaque]_ϕ]]_U

Produção: ... de conhaque.

Nesse caso parece ter havido uma seleção semântica equivocada. O lapso incidiu na sílaba portadora de acento nuclear do último item lexical da frase entonacional; o núcleo da primeira sílaba do alvo foi substituído (/kA/→/ko/) e a segunda sílaba foi suprimida.

Vejamos agora alguns exemplos de lapsos sintagmáticos:

(12) Comentário.

Alvo: [[[Em time]_ϕ [que está ganhando]_ϕ]] [[não se mexe]_ϕ]]_U

Produção: Em time que está mexendo não se ganha.

A explicação desse lapso está relacionada a aspectos semântico-discursivos. O ditado popular, que era o alvo, sofreu uma subversão a nível verbal em função do contexto no qual esse lapso ocorreu. A pessoa que o cometeu estava indignada com as constantes alterações que o técnico de um conhecido time de futebol vinha fazendo na equipe, e talvez o falante acreditasse que essas alterações fossem as responsáveis pelas sucessivas derrotas que o time vinha sofrendo.

(13) Solicitação durante almoço.

Alvo: [[[Pega o melão]_ϕ [na geladeira]_ϕ]]_U

Produção: ... o gelão na meladeira.

O lapso gerou dois logatomas (palavras inventadas que seguem o padrão silábico e métrico de uma determinada língua) que poderiam se converter em neologismos aceitáveis em português: “gelão” seria “um gelo de grandes proporções” e “meladeira” poderia ser um “eletrodoméstico que mela coisas”. O *tier* vocálico é mantido e os *onsets* da primeira sílaba das palavras são trocados. Houve troca mútua dos *onsets* das primeiras sílabas (/me/→/ge/).

(14) Dúvida.

Alvo: [[[Você viu]_ϕ [que vai ter]_ϕ [jantar dançante]_ϕ]]_U ?

Produção: ... dançar jantante?

Nesse exemplo, ocorreu um processo semelhante: tanto “dançar” quanto “jantar” são verbos; porém, o verbo “jantar” tem seu uso particularmente consagrado como substantivo (ex: “o jantar está pronto”), ao passo que isso não acontece com “dançar”; “jantante”, por sua vez, é uma palavra inexistente em português, mas que poderia existir e ser entendida como algo do tipo “adjetivo caracterizado por sufixo ‘-ante’ e relacionado à atividade de ‘jantar’”. Houve a troca de *onsets* das primeiras sílabas do lapsos e do alvo (/z /→ /dŒ/).

13. Resultados

A análise dos 37 dados (24 lapsos paradigmáticos, 10 sintagmáticos e 3 metalapsos do Projeto NURC) que compuseram este trabalho revelou que:

a) Nos 24 lapsos paradigmáticos, 75 % dos dados incidiram na palavra portadora de acento nuclear; 62,5% ocorrerem dentro de uma mesma frase entonacional e apresentaram troca de *onset*.

b) Nos 10 lapsos sintagmáticos, houve incidência no acento nuclear em 100% dos casos; 30 % tiveram *onsets* trocados; 80 % ocorreram dentro da mesma frase entonacional (entre frases fonológicas) e 20 % ocorreram entre frases entonacionais.

c) No caso dos 3 metalapsos, todos apresentaram trocas de *onsets* e ocorrência dentro da mesma frase entonacional.

Do total de dados, 81% incidiram na palavra portadora de acento nuclear; 56,7 % tiveram *onsets* trocados; 67,5 % ocorreram dentro da mesma frase entonacional e 32,4% ocorreram entre frases entonacionais adjacentes, mas nenhum deles ultrapassou o enunciado fonológico. Esses resultados exibem a obediência a restrições lingüísticas e prosódicas que os lapsos apresentam em sua manifestação.

Outros autores constataram determinados aspectos dos lapsos da língua que também podem ser confirmados pela análise prosódica. Vamos comentá-los.

A partir do modelo de Halliday (1967), Boomer & Laver (in Fromkin 1973:126) apresentaram algumas “leis” para os lapsos da língua, “com ‘lei’ sendo entendida num sentido estatístico ao invés de absoluto”¹⁷. Os autores enfatizam que “nem todo lapso obedece toda lei. Por outro lado, nenhum lapso do *corpus* viola todas as leis”¹⁸. Vamos a elas:

“A. Lapsos envolvem a palavra tônica, seja a original (produzida) ou a alvo (pretendida), com as originais tônicas predominando.”

¹⁷ Boomer & Laver 1968 In Fromkin (1973:126).

¹⁸ Boomer & Laver 1968 In Fromkin (1973:124).

O fato de o lapso envolver a “palavra tônica” na terminologia de Halliday (1967) – equivalente a “acento nuclear” em Nespor & Vogel (1986), dentre outros - parece remeter à questão do foco da sentença, uma vez que o alvo geralmente é a palavra portadora de acento nuclear. De fato, no conjunto de dados deste trabalho, o lapso incide no acento nuclear em 97,2% dos casos, ao contrário das disfluências, que normalmente aparecem em posições periféricas do enunciado. De acordo com Scarpa (1995:170), “entonacionalmente (...) há disfluência maior nas partes não nucleares do tom (ou do grupo tonal), ao passo que (...) maior fluência ou estabilidade fônica ocorre nas partes nucleares do grupo tonal (isto é, as que correspondem, grosso modo, ao chamado acento frasal”. Desta forma, o lapso corresponde ao centro de proeminência prosódica que revela a estabilidade formal do enunciado, enquanto que pausas, hesitações, repetições e reformulações que caracterizam a disfluência ocorrem em trechos acidentalmente não proeminentes do enunciado, i.e., em trechos fronteiros anteriores ao núcleo).

“B. O alvo e a origem de um lapso da língua estão ambos localizados no mesmo grupo tonal.”

Segundo os autores, além de lapso e alvo estarem localizados no mesmo grupo tonal, a tonicidade geralmente incide no último item lexical do grupo tonal. Isso ocorreu em 75% dos lapsos paradigmáticos e em 100% dos lapsos sintagmáticos, coincidindo com a constatação de que o lapso ocorre majoritariamente no foco da sentença. Além disso, 67,5 % dos dados ocorreram dentro de uma frase entonacional.

“C. Exceções à lei B formam outra classe com estrutura própria: onde a sílaba-alvo e a sílaba produzida estiverem localizadas em grupos tonais diferentes (geralmente adjacentes), cada uma estará na palavra tônica no próprio grupo tonal”.

Parece estar implícito nas leis B e C que o conceito de grupo tonal (Halliday, 1967) equivale ao de frase entonacional (Nespor & Vogel, 1986), uma vez que não foram constatadas ocorrências de lapsos que ultrapassem enunciados fonológicos, e sim de lapsos que ocorrem entre frases entonacionais (32,4% do total). Além disso, essa lei é coerente com o fato de o alvo ser, na maioria das vezes, uma palavra tônica e, novamente, estabelece uma possível distinção entre lapso e disfluência.

“D. A sílaba produzida e a sílaba-alvo de um lapso são metricamente semelhantes, pois ou ambas são tônicas ou ambas são fracas, com pares tônica/tônica predominando”.

A manutenção da estrutura métrica do lapso em relação ao alvo não é escopo deste trabalho; apesar disso, a próxima lei, formulada logo abaixo,

sugere que a organização do léxico mental pode se dar, dentre outros aspectos, em função da organização silábica; além disso, pode ser uma evidência de que o planejamento discursivo é local, i.e., o que se pretende dizer é elaborado quase que simultaneamente na fala. A lei é a seguinte:

“E. Lapsos segmentais obedecem a uma lei estrutural em relação à localização silábica, ou seja, segmentos iniciais na sílaba produzida substituem segmentos iniciais na sílaba-alvo, nucleares substituem nucleares e finais substituem finais.”

No caso dos dados analisados, a substituição de *onsets* de sílabas do lapso em relação ao alvo ocorreu conforme essa lei: *onsets* de sílabas iniciais substituíram iniciais, nucleares substituíram nucleares e finais substituíram finais.

Finalmente,

“F. Lapsos segmentais obedecem fonologicamente a regras de seqüência ortodoxa; ou seja, lapsos segmentais não resultam em seqüências não permitidas pela fonologia”.

Essa lei, que retoma a primeira lei de Wells (1951)¹⁹, foi verificada em 100% dos dados, confirmando que o lapso respeita o sistema fonológico da linguagem em que ele ocorre; caso contrário, ele não seria passível de interpretação (i.e., não seria considerado um cruzamento discursivo) e, portanto, não poderia ser caracterizado como lapso.

Desta forma, a manifestação dos lapsos está inserida no padrão lingüístico da linguagem em que eles ocorrem; e, conforme foi visto neste trabalho, ela se dá de acordo com as propriedades prosódicas da língua em questão.

14. Análise Comparativa: Lapsos na Escrita

Azevedo (1985) faz um detalhado estudo do que ela chamou de “deslizes lexicais” em redações de universitários e pré-universitários. Ela categorizou esses deslizes como desvios a nível fonêmico-grafêmico, morfofonêmico e a nível intervocabular (semelhanças formais e semânticas).

A autora se baseia em pressupostos teóricos referentes aos *slips of the tongue* e *speech errors* e analisa seus dados de acordo com suas propriedades formais (substituições, adições, omissões e amálgamas de palavras ou segmentos), num enfoque cognitivista.

¹⁹ A primeira lei de Wells (1951), citada em Fromkin (1973:86) é a seguinte: “Primeira Lei: um lapso é sempre um som foneticamente possível [i.e., “fonologicamente possível na linguagem em questão” (Boomer & Laver 173:126, nota de rodapé)].”

Entretanto, não é apresentada uma definição explícita do que seria um deslize lexical. Na verdade, nos deparamos com a descrição de um problema: o “emprego de um léxico inadequado ao seu contexto” (Azevedo 1985:03).

Nesse sentido, o esboço de uma distinção entre o que seria um lapso (ou deslize lexical) e um erro escolar é extremamente nebuloso.

De qualquer forma, é interessante traçar um paralelo entre o que a autora sugere e o que é apresentado neste trabalho. Ela postula que

“(...) os desvios lexicais que aparecem na escrita não diferem grandemente dos observados na fala.” (Azevedo 1985:04).

Vejamos alguns exemplos de cruzamentos de discursos ²⁰:

(15) A maneira de se comunicar é importante na vida de *dodos* nós.

A dúvida aqui é se houve antecipação do fonema /d/, numa relação metonímica, ou sonorização do fonema /t/ em “todos”.

(16) ... tudo isso nos absorve e nos torna sós, tristes, *rancinzas* e egoístas...

Aqui ocorreu a substituição fonética de /z/ por /s/ (/xa)zi)zas/(® / xasi)zas/), gerando um item lexical inexistente em português, mas que pode ser interpretado como um substantivo (“rãs”) seguido de adjetivo (“cinzas”).

(17) Através da comunicação, expressamos nossos *ansejos*, nossas dores...

Nesse caso, é difícil saber se houve uma substituição da vogal /l/ pela consoante /Z/ ou se ocorreu uma amálgama entre os itens lexicais “anseios” e “desejos”, muito próximos semanticamente.

Quase a totalidade dos dados de Azevedo poderiam ser caracterizados como lapsos paradigmáticos. Lapsos sintagmáticos parecem ser bastante raros na escrita, uma vez que o planejamento envolvido no ato de escrever possivelmente bloqueia cruzamentos discursivos no eixo metonímico.

15. Considerações Finais

Os lapsos da língua, caracterizados como cruzamentos de discursos no falante nativo adulto, apresentam subversões dos eixos paradigmático/metafórico e sintagmático/metonímico na linguagem em que eles estão inseridos. Entretanto, os lapsos obedecem a determinadas restrições

²⁰ Dados do Anexo de Azevedo (1985), páginas 238 e 244.

lingüísticas da língua em que se manifestam. Dentre essas restrições se encontram os limites prosódicos, que foram estudados neste trabalho.

Foi concluído que o lapso geralmente incide nas sílabas nucleares da frase entonacional, ao contrário das disfluências. Além disso, admitindo o fato de que “maior fluência e estabilidade encontram-se em partes cristalizadas, (...) fossilizadas, congeladas (...)”, era esperado que houvesse uma sobreposição do lapso sobre um bloco cristalizado e sua conseqüente ruptura. Em outras palavras, verificou-se que o lapso dissolve “blocos incorporados do discurso do outro, colocados em relação de contiguidade ou substituição discursiva.” (Scarpa 1995:179).

Desta forma, tanto os lapsos quanto as disfluências exibem pontos em que o sujeito se revela através do sistema lingüístico em que ele está inserido; porém, a fronteira prosódica que distingue lapsos de disfluências pode, por vezes, ser extremamente tênue, como vimos no caso dos metalapsos e reformulações.

Vimos também que a estrutura silábica e a tonicidade das sílabas do alvo e do lapso exercem um papel crucial na manifestação dos lapsos, que apresentaram uma tendência particularmente característica de terem *onsets* trocados.

Ao traçarmos um paralelo entre lapsos da linguagem oral e lapsos (ou deslizos lexicais) na escrita, constatamos que efetivamente não há grandes distinções entre ambos, inclusive em relação à predominância de lapsos paradigmáticos, sobretudo na escrita. Além disso, lapso e alvo pertencem à mesma categoria gramatical, de classe aberta (nomes são substituídos por nomes, verbos por verbos) e são ajustados ao contexto de ocorrência (cf. Garrett 1980:186).

No que se refere à extensão de 7 palavras ou sílabas sugeridas por Boomer & Laver, não foi explicitado se tal extensão ocorre dentro de algum limite prosódico, mas, conforme demonstrado neste trabalho, evidências indicam que esse parece ser o caso. Se, por exemplo, essas 7 sílabas ou palavras estiverem inseridas numa parentização prosódica que as separe em dois enunciados prosódicos (U), como na estruturação abaixo, a manifestação de lapsos é praticamente impossível (*):

*[1] _U [2 3 4 5 6 7] _U	*[1 2] _U [3 4 5 6 7] _U	*[1 2 3] _U [4 5 6 7] _U
*[1 2 3 4] _U [5 6 7] _U	*[1 2 3 4 5] _U [6 7] _U	*[1 2 3 4 5 6] _U [7] _U

Se, por outro lado, essas 7 sílabas/palavras estiverem separadas em 2 frases entonacionais, a probabilidade de ocorrência de um lapso sintagmático existe, embora nos dados deste trabalho tivessem uma incidência menor (32,5%):

(?)[1] _I [2 3 4 5 6 7] _I	(?)[1 2] _I [3 4 5 6 7] _I	(?)[1 2 3] _I [4 5 6 7] _I
(?)[1 2 3 4] _I [5 6 7] _I	(?)[1 2 3 4 5] _I [6 7] _I	(?)[1 2 3 4 5 6] _I [7] _I

Porém, se essas 7 sílabas/palavras estiverem separadas em frases fonológicas e dentro de uma mesma frase entonacional, aí sim, a manifestação de lapsos é mais provável (67,5%):

[[1]_φ [2 3 4 5 6 7]_φ]_i ✓ [[1 2]_φ [3 4 5 6 7]_φ]_i ✓ [[1 2 3]_φ [4 5 6 7]_φ]_i ✓
 [[1 2 3 4]_φ [5 6 7]_φ]_i ✓ [[1 2 3 4 5]_φ [6 7]_φ]_i ✓ [[1 2 3 4 5 6]_φ [7]_φ]_i ✓

Finalmente, pudemos estabelecer como domínio prosódico para a ocorrência de lapsos a frase entonacional; eles se manifestam majoritariamente dentro de uma mesma frase entonacional (67,5%) ou, em menor escala (32,4%), entre frases entonacionais, mas nunca ultrapassam o enunciado fonológico.

Portanto:

[[LAPSO]]_i ✓ e [[LAPSO]]_i [LAPSO]]_U ✓

mas

* [LAPSO]]_U [LAPSO]]_U

Desta forma, não há caos no lapso, por mais inesperado que ele seja. Na verdade, eles não ocorrem nem linearmente nem aleatoriamente: eles respeitam restrições da linguagem, pois é “a complacência do material lingüístico que possibilita a determinação dos erros e, ao mesmo tempo, marca seus limites.” (Freud 1987:194-195).

ILIOVITZ, Erica. LINGUISTIC BOUNDARIES OF SLIPS OF THE TONGUE

Abstract: *Slips of the tongue are a linguistic phenomenon which shows a frontier between what is expected and what is unexpected. The analysed data were collected through notes taken from everyday situations. The Nespov and Vogel's model (1986) was used to analyse the data. Slips of the tongue were classified as paradigmatic and syntagmatic ones. With regard to their prosodic structure, syntagmatic slips are most likely to occur between phonological phrases inside an intonational phrase and between intonational phrases within a phonological utterance, but not between phonological utterances. Most of the paradigmatic slips occurred in the word that bears the nuclear stress in the intonational phrase. As for the syllabic structure, there were exchanges between onsets in words syllables, whereas the rhyme was preserved.*

Key-words: *phonology; prosody; psycholinguistics; tongue slips*

Referências

ABAURRE, M. B. M., GALVES, C. C., & SCARPA, E. M. A interface fonologia-sintaxe: evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In: Scarpa, E. M. (org.) *Estudos de prosódia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p.285-323.

AZEVEDO, L. F. *Deslizes lexicais em redações de universitários e pré-universitários*. Tese de Doutorado. PUC-SP, 1985.

BOCK, K. & LEVELT, W. Language production: grammatical encoding. In: Gernsbacher, M. A. (Ed) *Handbook of psycholinguistics*. London: Academic Press, 1994. p. 945-984.

BOOMER, D. S. & LAVER, J. D. M (1968) Slips of the tongue. Reimpresso em Fromkin, V. (Ed). *Speech errors as linguistic evidence*. The Hague: Mouton, 1973. p. 120-131.

CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: Ilari, R. (org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992a. Volume II: Níveis de Análise Lingüística, p.33-64.

CASTILHO, A. T. & PRETI, D. (org.) *A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo (Projeto NURC)*. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, 1986. Volume I: Elocuções Formais.

_____. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo (Projeto NURC)*. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, 1987. Volume II: Diálogos entre Dois Informantes.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. in Bisol, L. (org) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996. p. 95-126.

CUTLER, A. Errors of stress and intonation. In: Fromkin, V. (Ed). *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen, and hand*. London: Academic Press, 1980. p. 67-80.

FREUD, S. *A interpretação das afasias: um estudo crítico*. Introdução de Armando Verdiglion: Matemática do Inconsciente. Tradução de Antonio Pinto Ribeiro. Lisboa: Marsilio Editori; São Paulo: Martins Fontes, 1977. Original italiano.

_____. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FROMKIN, V. (1971) The Non-Anomalous Nature of Anomalous Utterances. Reimpresso em Fromkin, V.(Ed.) *Speech errors as linguistic evidence*. The Hague: Mouton, 1973. p. 215-269.

_____. (Ed) *Speech errors as linguistic evidence*. The Hague: Mouton, 1973.

GARRETT, M. F. Sentence processing. In: Osherson, D.N & Lasnik, H. (Eds). *Language: an invitation to cognitive science*. London: The MIT Press, 1990, volume 1, p.133-175.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Blackwell, 1990.

HALLIDAY, M. A. K (1967). The tones of English. In: Jones, W. E. & Laver, J. (orgs). *Phonetics in linguistics: a book of readings*. Oxford: Blackwell, 1973.

HOCKETT, C. F. (1967). Where the tongue slips, there slip I. In: Fromkin, V. (Ed). *Speech errors as linguistic evidence*. The Hague: Mouton, 1973. p.93-119.

HOTOPF, W. H. N. Semantic similarity as a factor in whole-word slip of the tongue. In: Fromkin, V. (Ed) *Errors in Linguistic Performance: Slips of the Tongue, Ear, Pen, and Hand*. London: Academic Press, 1980. p.97-109.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1974, p.34-62.

LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1966.

LE MOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de câmbio. *Substratum* 1992, volume 01, n° 01.

_____. Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. In: *The Trento lectures and workshop on metaphor and analogy*, organizado pelo Instituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica Italiano em Povo, 1997.

NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: ABL: Mercado das Letras, 1996.

PRETI, D. & URBANO, H. (org) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo* (Projeto NURC). São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1988. Volume III: Entrevistas.

_____. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo* (Projeto NURC). São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1990. Volume IV: Estudos.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, n° 29, p. 163-184.

SELKIRK, E. O. *Phonology and syntax: the Relation Between Sound and Structure*. Cambridge: the MIT Press, 1984.

SILVA, M. C. P. S. & KOCH, I. G. V. Estratégias de desaceleração do texto falado. In: Kato, M. A. (org) *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. Volume V: Convergências. p.327-338.

STEMBERGER, J. P. Spontaneous and evoked slips of the tongue. In: Blanken, G.; Dittman, J.; Grimm, H.; Marshall, J. & C-W. Wallesch (Eds) *Linguistic disorders and pathologies*. An International Handbook. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 53-65.

TALO, E.S. Slips of the tongue in normal and pathological speech. In: Fromkin. V. (Ed) *Errors in linguistic performance: Slips of the Tongue, Ear, Pen, and Hand*. London: Academic Press, 1980. p. 81-86.

WELLS, R. Predicting slips of the tongue. In: Fromkin. V. (Ed) *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, Ear, Pen, and Hand*. London: Academic Press, 1980. p. 82-87.